

QUESTIONANDO A MEDICALIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE DE ESCOLARIZAÇÃO – O ESTADO DA ARTE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE O TEMA NAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO, MEDICINA E PSICOLOGIA
Juliana **Garrido** – FCM/ UNICAMP

Escolas públicas e privadas, além de profissionais da educação e da saúde, como neurologistas, psicólogos e fonoaudiólogos, em sua maioria, atribuem as deficiências de escolarização a dificuldades dos alunos, das famílias, ou dos professores (no caso dos profissionais de saúde), furtando-se de uma análise mais abrangente do problema (COLLARES; MOYSÉS, 1996). A essa forma de interpretar o problema dá-se o nome de medicalização do fracasso escolar, pois ela transfigura um problema que é social em sua origem fazendo-o parecer um problema médico. Como nos apresenta Moysés, “a medicalização é fruto do processo de transformação de questões sociais, humanas, em biológicas. Aplicam-se à vida concepções que embasam o determinismo biológico, tudo sendo reduzido ao *mundo da natureza*”. (MOYSÉS, 2001, p. 176)

A crença no fato de que as dificuldades para aprender são consequência de uma doença, faz girar uma grande engrenagem de encaminhamentos da escola à especialistas da área da saúde. Crianças consideradas como aquelas que *aprendem menos* ou *não aprendem* na escola são então submetidas a um sem-número de exames e testes que, ainda que questionáveis, confirmam supostas deficiências de aprendizagem. O mais grave dessa engrenagem é que ela serve exclusivamente para confirmar suspeitas de professores e médicos, como um objetivo em si mesma.

A indústria dos diagnósticos dessas deficiências trabalha de forma criativa quanto aos nomes de tais doenças, inovando na forma de referir-se à mesma coisa (MOYSÉS; COLLARES, 1992). Os mais conhecidos atualmente são *distúrbio de déficit de atenção e hiperatividade*, ou TDAH, e *dislexia*. Diante de tropeços na escolarização de filhos e alunos, esses diagnósticos respondem a muitas das angústias de pais e professores, que desconsideram a própria participação no fracasso ou sucesso da vida escolar de suas crianças. Nesse cenário, medicamentos que prometem consertar o problema tornam-se esperança para a cura, o que explica o aumento abusivo no consumo de tais drogas nos últimos anos.¹ E a indústria farmacêutica

¹ Em particular o metilfenidato, cuja apresentação sob a marca Ritalina é amplamente associada ao tratamento do TDAH. Livia Perozim apresentou as últimas estatísticas em matéria para a Revista

contribui para legitimar a ideia de que crianças que apresentam dificuldades escolares são, na verdade, acometidas por uma doença.

Contudo, há outro lado nessa disputa. Trabalhos produzidos nas áreas de Educação, Psicologia, Medicina e Sociologia, com importantes reflexões sobre o tema, apontam possibilidades para a construção de práticas pedagógicas de sucesso.² Fundados em uma concepção sócio-histórica, eles formam uma contracorrente teórica que entende que os indivíduos se constituem a partir de suas experiências; que as aprendizagens delineiam de maneira essencial o desenvolvimento de ações e habilidades humanas. Sabe-se que as situações de aprendizagem por que passa cada um variam de acordo com seu meio, sua cultura, seu acesso. Conseqüentemente, o que determina a ocorrência ou não de determinada aprendizagem não é característica intrínseca ao indivíduo, mas depende inteiramente de sua inserção sócio-cultural. O mesmo vale para a escolarização de uma criança, sendo qualquer problema desta decorrente da maneira como ela é inserida no ambiente e na cultura escolar.

Foi desejando conhecer melhor os argumentos dessa contracorrente que ingressei no mestrado, em março de 2008. A pesquisa realizará um levantamento dos trabalhos acadêmicos produzidos no Brasil, nas áreas de Educação, Medicina e Psicologia, a fim de apresentar o estado da arte da pesquisa sobre medicalização daquelas crianças, que sofrem com rótulos, diagnósticos e uma história de fracasso escolar em decorrência da forma como são vistas pela escola e pela sociedade.

O levantamento bibliográfico reunirá dissertações, teses e publicações em periódicos de divulgação da produção acadêmica. Considerando os avanços teóricos da crítica à medicalização, a pesquisa trará subsídios para apreender:

- que repercussões tais avanços teóricos têm alcançado;
- se as investidas mais recentes em pesquisa sobre o tema vêm levando em consideração o que já se conhece;
- que espaço as abordagens da contracorrente têm logrado no embate entre concepções de desenvolvimento e aprendizagem;

Educação: “o consumo desses psicotrópicos – remédios de tarja preta, vendidos mediante retenção de receita – passou de 71 mil caixas, em 2000, para mais de 731 mil caixas, em 2004, aumento de 930%.”

² Alguns exemplos são: Collares e Moysés (1992, 1996), Moysés (2001), Marcondes Machado (2002), Souza (2005) e Patto (1997, 1999). No cenário internacional, vale citar autores como Conrad (1992, 2007), Conrad e Schneider (1992), Horwitz (1991), Lewontin, Rose e Kamin (1984) e Ryan (1976), que têm dado substância ao debate mais amplo sobre o processo de naturalização de problemáticas sociais vivido mais intensamente durante as últimas décadas pelas sociedades ocidentais.

- se os trabalhos de vanguarda têm influenciado as políticas públicas para a educação ou os programas de formação de professores.

A pesquisa em curso é um estudo de caso (BOGDAN; BIKLEN, 1982) de caráter qualitativo, baseado na análise documental.

Primeiras análises: dissertações e teses

O início da pesquisa se deu com a definição dos sítios de busca do material a ser recolhido. Considerando a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (CAPES) e seus esforços em registrar e divulgar a produção acadêmica nacional, o Banco de Teses do endereço eletrônico da CAPES passou a ser ferramenta principal para o levantamento das dissertações e teses. O material divulgado em periódicos (por enquanto, foram buscados apenas aqueles disponíveis em formato eletrônico) está sendo recolhido concomitantemente. Porém, por sua maior dispersão, não consta da análise apresentada aqui.

O Banco de Teses disponibiliza o resumo de cada trabalho, além de informações de autoria, orientação, data de defesa e instituições envolvidas (centros de pesquisa e agências de fomento). Como argumenta Ferreira, os resumos possibilitam ampla divulgação do conhecimento, estejam eles reunidos em anais de congresso ou catálogos de difusão da produção acadêmica. Ao usá-los para conhecer um determinado universo, contudo, não se pode perder de vista que representam um pequeno recorte da leitura que se fez de um trabalho. Leitura esta feita, por vezes, pelo próprio autor, por vezes, por organizadores de tais meios de divulgação. Por isso, optei por acessar as pesquisas por meio dos resumos e, em seguida, buscar os trabalhos que julgasse importante ler na íntegra.

Seguindo uma das possibilidades indicadas por Ferreira, a pesquisa terá, então, dois momentos distintos. O primeiro, em fase de conclusão, permite apresentar um panorama da “produção acadêmica através da quantificação e da identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção.” (FERREIRA, 2002, p. 265)

Usando “medicalização escola” e “medicalização criança” como termos de busca digitados no campo *assunto* do Banco de Teses, recolheu-se 26 e 24 ocorrências, respectivamente. Desse total, muitas apareciam nos dois grupos.

Unificando as reocorrências, restaram 38 resumos, distribuídos pelas áreas de conhecimento segundo mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Quantidade de trabalhos encontrados em relação à área de conhecimento e ao nível.

	Mestrado	Doutorado	Profissionalizante	Total
Educação	09	03	–	12
Medicina	05	01	–	06
Psicologia	06	01	–	07
Administração	–	–	01	01
Ciências Sociais	01	–	–	01
Educação Física	–	01	–	01
Enfermagem	03	–	–	03
História	03	02	–	05
Linguística	01	01	–	02
Total	28	09	01	38

Os números apresentados na tabela mostram que as áreas de Educação, Psicologia e Medicina têm concentrado as discussões sobre a medicalização e seus efeitos no ambiente escolar, reforçando, portanto, o recorte proposto pela pesquisa. O limite temporal da pesquisa foi dado pela busca inicial, estendendo-se de 1990 a 2007.

Dos 38 resumos lidos, 16 foram selecionados para leitura dos respectivos trabalhos na íntegra. Destes, apenas dois não correspondem às três áreas principais de interesse, sendo um de mestrado em Enfermagem e o outro de doutorado em Linguística.

Outro dado que já se pode apreender é a abrangência territorial desses trabalhos. Considerando somente os 16 resumos destacados, 12 deles foram produzidos nos estados de SP e RJ. Os quatro restantes pertencem ao DF (2) e ao RS (2). É interessante destacar que um dos trabalhos produzidos no interior de São Paulo pesquisou um serviço de atenção a escolares em Porto Velho, RO. Entretanto, isso não torna menos evidente a expressiva concentração desses trabalhos na Região Sudeste do país. Esse fato despertou uma nova pergunta: como esse debate aparece em outras regiões?

O segundo momento da pesquisa, a começar em março de 2009, será de leitura integral dos trabalhos selecionados. Como nos indica Ferreira, a leitura mais abrangente permitirá responder

além das perguntas ‘quando’, ‘onde’ e ‘quem’ produz pesquisas num determinado período e lugar, àquelas questões que se referem a ‘o quê’ e ‘o como’ dos trabalhos (...) o pesquisador [tem] a possibilidade de inventariar [a produção acadêmica], imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento. (ibidem)

Bibliografia

BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, PT: Porto Editora, 1994.

COLLARES, C. A. L., MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.

CONRAD, P. Medicalization and social control. **Annual Review Sociology**. v. 18, p. 209-32. 1992.

_____. **The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders**. Baltimore, US: Johns Hopkins University Press, 2007.

CONRAD, P., SCHNEIDER, J. W. **Deviance and medicalization: from badness to sickness**. Philadelphia, US: Temple University Press, 1992.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação e Sociedade**. Ano XXIII, n. 79, p. 257-272. Agosto/2002.

HORWITZ, A. V. **The logic of social control**. New York, US: Plenum, 1991.

LEWONTIN, R. C.; ROSE, S.; KAMIN, L. J. **Not in our genes: biology, ideology and human nature**. New York, US: Pantheon Books, 1984.

MACHADO, A. M. Avaliação psicológica na educação: mudanças necessárias. In: TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. (orgs.) **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002. Cap. 05, p. 143-167.

MOYSÉS, M. A. A. **A institucionalização invisível: crianças que não-aprendem-na-escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras / São Paulo: FAPESP 2001.

MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. In: **Cadernos CEDES**, n. 28, p. 31-48. 1992.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. (org.) **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PEROZIM, Livia. Nenhum remédio educa. **Revista Educação**. Edição 104, São Paulo: Editora Segmento, 2005. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=11456>>. Acesso em: 17 mar. 2009.

RYAN, W. **Blaming the victim**. New York, US: Vintage Books, 1976.

SOUZA, M. P. R. Prontuários revelando os bastidores do atendimento psicológico à queixa escolar. In: **Estilos da Clínica**. v. 10, n. 18, p.82-107. jun. 2005.